

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JULIA MACHADO DA SILVA

**CONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE
AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**Uruguiana
2022**

JULIA MACHADO DA SILVA

**CONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE
AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de
Enfermagem da Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do Título
Bacharela em Enfermagem;
Orientadora: Lisie Alende Prates.

**Uruguaiiana
2022**

JULIA MACHADO DA SILVA

**CONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE
AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Enfermagem da Universidade Federal
do Pampa, como pré-requisito para obtenção do
Título de Bacharel em Enfermagem.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em 10 de março de 2022.

Banca examinadora:

Lisie Alende Prates

Profa. Dra. Lisie Alende Prates
Orientadora

Jussara

Profa. Dra. Jussara Mendes Lipinski
Membro da Banca



Documento assinado digitalmente
ALINNE DE LIMA BONETTI
Data: 11/03/2022 21:51:46-0300
CPF: 700.807.980-04
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Dra. Alinne de Lima Bonetti
Membro da Banca

Uruguaiana

2022
RESUMO

Objetivo: analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade. **Método:** pesquisa qualitativa, desenvolvida com 15 estudantes de enfermagem de uma instituição de ensino superior, localizada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, durante agosto e outubro de 2021. Os dados foram obtidos a partir de formulário eletrônico e submetidos à análise de conteúdo temática. **Resultados:** os estudantes demonstram a necessidade de maior aprofundamento teórico sobre as questões de gênero e sexualidade, considerando que esses temas são abordados de forma pontual no contexto familiar e universitário. Eles sinalizam o desejo de fornecer um cuidado digno, respeitando os direitos sexuais e reprodutivos dos indivíduos. **Considerações finais:** são necessárias estratégias de ensino e aprendizagem no ambiente universitário e nos serviços de saúde, envolvendo as questões de gênero e sexualidade, a fim de ampliar o debate em diferentes segmentos, permitindo o respeito aos direitos sexuais e reprodutivos.

Descritores: Pessoas Transgênero, Transexualidade, Estudantes de Enfermagem, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to analyze the knowledge and experiences of nursing students on gender and sexuality issues. **Method:** qualitative research, developed with 15 nursing students from a higher education institution, located in the West Frontier of Rio Grande do Sul, during August and October 2021. Data were obtained from an electronic form and submitted to content analysis thematic. **Results:** students demonstrate the need for greater theoretical depth on gender and sexuality issues, considering that these topics are addressed in a timely manner in the family and university context. They signal a desire to provide dignified care, respecting the sexual and reproductive rights of individuals. **Final considerations:** teaching and learning strategies are needed in the university environment and in health services, involving gender and sexuality issues, in order to broaden the debate in different segments, allowing respect for sexual and reproductive rights.

Keywords: Transgender Persons, Transsexualism, Students, Nursing, Nursing.

SUMÁRIO

Artigo	7
Introdução	7
Método	8
Resultados	9
Discussão	12
Considerações finais	13
Referências	14

ARTIGO

Conhecimentos e vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade¹

Resumo

Objetivo: analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade. **Método:** pesquisa qualitativa, desenvolvida com 15 estudantes de enfermagem de uma instituição de ensino superior, localizada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, durante agosto e outubro de 2021. Os dados foram obtidos a partir de formulário eletrônico e submetidos à análise de conteúdo temática. **Resultados:** os estudantes demonstram a necessidade de maior aprofundamento teórico sobre as questões de gênero e sexualidade, considerando que esses temas são abordados de forma pontual no contexto familiar e universitário. Eles sinalizam o desejo de fornecer um cuidado digno, respeitando os direitos sexuais e reprodutivos dos indivíduos. **Considerações finais:** são necessárias estratégias de ensino e aprendizagem no ambiente universitário e nos serviços de saúde, envolvendo as questões de gênero e sexualidade, a fim de ampliar o debate em diferentes segmentos, permitindo o respeito aos direitos sexuais e reprodutivos.

Descritores: Pessoas Transgênero, Transexualidade, Estudantes de Enfermagem, Enfermagem.

Introdução

Antes mesmo de ter uma compreensão sobre as questões que envolvem sexualidade, identidade de gênero e transexualidade, as pessoas são visualizadas a partir de padrões e expectativas que lhe são impostas, baseadas em modelos de heteronormatividade. A heteronormatividade é um termo que propõe normatizar maneiras de ser e viver os desejos corporais e a sexualidade. É considerada como um parâmetro que estabelece como norma e como normal a atração entre indivíduos de sexos diferentes e que considera as vivências que fogem desse padrão como “erradas” (PETRY, 2011).

Para discutir sobre sexualidade e suas ramificações sem uma visão pré-estabelecida do que é “normal” e/ou “errado”, é importante considerar as diferentes identidades de gênero. Estas envolvem as experiências individuais do gênero de cada pessoa, podendo ou não corresponder ao sexo que lhe foi atribuído no nascimento. Dentre as identidades de gênero que fogem desse padrão de heteronormatividade, tem-se as pessoas transexuais, que possuem uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Desse modo, uma mulher transexual é uma pessoa que se identifica com o gênero feminino, embora tenha sido biologicamente designada como masculina ao nascer (REIS, 2018).

No Brasil, as políticas e programas na área da saúde voltadas para as pessoas transexuais têm avançado. O Plano Brasil sem Homofobia, criado em 2004, foi um marco para a comunidade LGBTQIA+, pois incentiva a formulação de políticas e programas específicos para a melhoria de vida dessas pessoas. Na sequência, em 2011, foi criada a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Essa Política reconheceu os efeitos da discriminação e da exclusão dessa população no seu processo de saúde-doença, reinvidicando por mais equidade no Sistema Único de Saúde (SUS) (BEZERRA, 2019; BRASIL, 2013).

Porém, mesmo com uma política voltada para a comunidade LGBTQIA+, as pessoas ainda passam por vários obstáculos para acessar o SUS. Revisão integrativa da literatura aponta a discriminação sofrida pela população transexual e travesti brasileira nos serviços de saúde. Os autores mencionam que as situações de preconceito são capazes de desencadear o abandono dos tratamentos em andamento e, muitas vezes, a resistência dessas pessoas em

¹Este artigo será submetido na Revista Enfermagem em Foco.

buscar pela assistência à saúde. Com isso, cabe destacar que a discriminação inclui desde o desrespeito quanto ao nome social até as situações de humilhação, sendo que o segmento trans é o que mais enfrenta dificuldades, tanto pelas demandas ligadas ao processo transexualizador, como pelos episódios de trans-travestifobia presentes nos atendimentos de saúde (RONCON, 2020).

Nesse sentido, enfatiza-se o papel do enfermeiro como profissional capaz de prestar cuidado equânime, sem exclusões de qualquer natureza, conforme os princípios do SUS. A equipe de enfermagem também se destaca pela sua proximidade com a população, sendo referência do primeiro ao último contato em serviços hospitalares e ambulatoriais. Diante disso, reconhece-se a necessidade de que o enfermeiro e sua equipe estejam preparados para oferecer um cuidado integral, respeitando a diversidade social (SANTOS, 2019; ROSA, 2019).

Essa preparação é possível quando as questões de gênero e sexualidade são abordadas na formação acadêmica e nas capacitações dos profissionais de saúde. Autores consideram que, a partir da inclusão de conteúdos relacionados à diversidade de gênero no currículo de enfermagem, os padrões de atendimento podem ser elevados, proporcionando atenção à saúde mais adequada para a população transexual (ROSA, 2019). Assim, a questão que guiou essa pesquisa foi: quais são os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade? O objetivo do estudo foi analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade.

Método

Consiste em pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida em ambiente eletrônico/*online*, com discentes do curso de Enfermagem de uma instituição de ensino superior, localizada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Os critérios de inclusão envolveram estar cursando o 9º ou 10º semestres do curso no período da coleta de dados e não haviam critérios de exclusão.

A partir de informações coletadas com a Secretaria Acadêmica da instituição, identificou-se um total de 44 discentes matriculados no curso em questão. Durante os meses de agosto a outubro de 2021, todos os discentes matriculados nos semestres citados foram convidados a participar do estudo. Contudo, 15 deles aceitaram participar do estudo.

Não houve abordagem direta aos participantes, pois a pesquisa foi divulgada pelas redes sociais (*Instagram e Facebook*) de perfis vinculados ao Curso, Diretório Acadêmico e um Grupo de Pesquisa, como também pelos aplicativos de mensagem (Whatsapp e Telegram) da equipe de pesquisa às turmas. No caso das redes sociais, os administradores desses perfis divulgaram o convite e o link do formulário de pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de um questionário, utilizando a ferramenta *Google Forms*. O questionário continha três partes: 1) informações sociodemográficas: sexo, identidade de gênero, orientação sexual, idade, estado civil, cidade de origem, religião, renda, com quem reside atualmente, possui trabalho remunerado fora do contexto universitário; 2) informações sobre a oferta e a participação em atividades acadêmicas ligadas às questões de gênero e sexualidade e 3) conhecimentos e percepções sobre a saúde da população trans.

Ao final do semestre letivo, o formulário foi encerrado e as respostas obtidas foram transferidas para um arquivo do Microsoft Excel para realização da análise de conteúdo temática, o que permitiu a identificação de duas categorias temáticas: “*Sexualidade é um assunto que precisa ser falado*”: conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade, e “*É aquela pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico*”: conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre transexualidade.

O projeto de pesquisa seguiu as normas e diretrizes contidas na Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, e teve a aprovação do Comitê de Ética

em Pesquisa, em 19 de agosto de 2021, CAAE 50527621.3.0000.5323, número do parecer 4.918.437. Na primeira etapa do formulário eletrônico, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que também poderia ser arquivado por eles e continha a assinatura da pesquisadora responsável. Para garantir o anonimato dos discentes, eles foram identificados com a letra P, seguida de um numeral, conforme a ordem de respostas obtidas no instrumento de coleta de dados.

Resultados

A pesquisa contou com a participação de 15 discentes do curso de enfermagem, dos quais a maioria (93,33%, n=14) estava matriculado(a) no 9º semestre, se autodeclarou branco(a) (86,67%, n= 13), era do sexo feminino (86,67%, n=13), cisgênero (80,00%, n=12), heterossexual (86,67%, n=13) e solteiro(a) (46,67%, n=7). A maior parte deles(as) não demonstrou identificação com uma religião específica (40,00%, n=6), era natural do município de Uruguaiana (33,33%, n=5), residia com outras pessoas (93,33%, n=14) e não tinha atividade laboral remunerada fora do contexto universitário (66,66%, n=10). A renda familiar dos participantes variou entre R\$ 1.000,00 e R\$ 6.000,00.

***“Sexualidade é um assunto que precisa ser falado”*: conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade**

De acordo com os participantes, na formação acadêmica, as questões de gênero e sexualidade são abordadas pontualmente e em alguns componentes curriculares específicos e/ou em projetos. Nessas ocasiões, alguns destacam que não houve aprofundamento necessário sobre as temáticas, outros sinalizam que a abordagem permitiu melhor compreensão.

Esse tema foi abordado raras vezes, pelo que me recordo em algumas aulas de saúde da mulher e também em algumas aulas de antropologia e foram atividades muito pontuais e que não se aprofundaram tanto (P14)

Os temas foram abordados e foi onde eu pude aprender muito sobre essas temáticas, durante as disciplinas de Saúde Mental 2, Saúde, Sexualidade e Gênero e Saúde da Mulher (P5)

Não considero que foram abordadas. Acredito que poderiam ser mais trabalhadas, como, por exemplo, a Saúde da mulher, poderíamos ter saúde da pessoa trans. Achei as atividades pouco elucidativas (P13)

Tivemos uma oficina realizada pela professora de Antropologia, logo no início da graduação, mas era uma palestra, algo do tipo. Foi muito interessante, poder ter um olhar sobre a perspectiva do todo (P8)

Foi trabalhado poucas vezes. Essas temáticas apareceram no PET [Programa de Educação Tutorial] e no componente complementar de Saúde, Sexualidade e Gênero e foi muito produtivo e necessário. Vejo que há um crescimento nas abordagens, mas não o suficiente quanto precisa ser (P10).

Diante disso, alguns acadêmicos indicaram a presença de dúvidas sobre as questões de gênero e sexualidade. Eles também sinalizaram sugestões de atividades que poderiam/deveriam ser trabalhadas durante a formação acadêmica.

Uma sugestão são consultas de enfermagem para a população LGBTQIA+ (P1).

Tenho dúvidas, principalmente as nomenclaturas dada para cada gênero, não sei a diferença de cada nome. Minha sugestão é explicar a diferença que existe em cada gênero, e como abordar esses pacientes com ética e respeito (P6).

Acho que deveríamos ter tido atividades relacionadas à saúde das pessoas trans, principalmente porque quando vamos para a prática, temos chance de vivenciar uma situação e é importante saber como lidar (P8).

Confesso que tenho muito o que aprender, pois tem muita temática e bandeiras que foram hasteadas há pouco tempo e são necessárias capacitações, mas paciência, da parte LGBTQI+ para ensinar e orientar as pessoas no tratamento e, principalmente, no diálogo. Por exemplo: Muitos usam o termo "escolha sexual" por não ter o conhecimento de como abordar o tema [...] acho que deveria ter não apenas DCCG [componente curricular complementar de graduação], mas uma cadeira específica aos cuidados e abordagens com os LGBTQI+, pois os acadêmicos precisam entender que cada ser é único e deve ser tratado conforme se sentir melhor [...] como por exemplo: chamamos pelo nome de batismo, podendo ter a sensibilidade de chamá-los pelo nome social entre muitas outras questões que devemos aprender na academia [...] Assim como tem cadeira [componente curricular] de saúde da mulher, cadeira de idosos, deveríamos ter a cadeira de população LGBTQI+ (P10).

Tenho algumas dúvidas, sempre pergunto como a pessoa gostaria de ser chamada, mas não tenho muito domínio do assunto. Muita coisa poderia ser diferente, acredito que deveríamos abordar sempre essa questão de identidade de gênero, desde do início da graduação, pois agora no estágio supervisionado, temos um contato mais profundo com a população e sinto que faltou muito na graduação[...] considero atividades relacionadas a esse assunto muito importantes, pois o mundo evolui e o ensino deve evoluir também, se adaptar. As pessoas precisam de atendimento e precisamos estar aptos para tal (P13).

As questões de gênero e sexualidade perpassam também as relações interpessoais dos estudantes com os pacientes, amigos e familiares. Nesse sentido, dez dos quinze participantes apontaram que se sentem confortáveis em falar sobre a temática. Os demais relataram que se sentem receosos.

Me sinto confortável, porque essas questões podem, muitas vezes, explicar situações relacionadas à saúde da pessoa (P4).

Como profissional da saúde, penso ser um assunto importante e delicado que precisa de um olhar amplo (P6).

Acredito que sexualidade é um assunto que precisa ser falado, quanto mais a gente falar, menos tabu será (P8).

Acredito que muitos assuntos que são tabus estão sendo trazidos pelos estudantes para ampliar as pesquisas. Porém, ainda há muito tabu entre a população. Por isso, deve-se falar mais sobre a fim de normalizar os assuntos abordados (P15).

Não me sinto confortável, apesar de ser de uma geração que deveria entender sobre isso. Não me sinto capacitado para atender os pacientes que são de outros gêneros e sexualidade (P11).

Os participantes também relatam que se sentem confortáveis para falar sobre as questões de gênero e sexualidade com os amigos. Eles destacam que, entre os amigos, o diálogo é impessoal e livre de julgamentos.

Tem mais liberdade no ambiente, onde não é apenas discussão sobre quem é certo ou não, mas com pessoas que sabem ouvir e conversar (P2).

Com meus amigos é algo mais descontraído e livre de julgamentos (P14).

Em contrapartida, no contexto familiar, nem todos se sentem confortáveis para abordar as questões de gênero e sexualidade. Dez participantes afirmaram que conversaram a respeito do tema com os familiares e cinco responderam que não se sentiam à vontade para falar.

Eu me sinto confortável, mas acho que meus pais não se sentem, mas não me impede de falar (P8).

Esse assunto sempre gera debate, principalmente quando envolve as gerações que foram educadas de uma forma mais rígida e, muitas vezes, preconceituosa, mas consigo conversar sem grandes problemas (P9).

Depende do familiar, se for alguém mais próximo sim (P14).

Não consigo falar sobre isso, por conta da cultura e uma mentalidade muito fechada em relação a esse assunto (P2).

Me sinto um pouco confortável, não há muita abertura para isso (P15).

Observa-se que, entre as justificativas para a ausência de debate sobre as questões que envolvem sexualidade dentro da rede familiar, está a perpetuação do silêncio e de situações de preconceito de forma intergeracional. Essas situações vivenciadas no passado parecem dificultar o diálogo aberto dos pais com os filhos.

“É aquela pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico”: conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre transexualidade

Seis dos quinze participantes definiram transexual como uma pessoa que não se identifica com o gênero determinado ao nascimento. Os demais forneceram definições diferentes.

Transexual é o indivíduo que não se identifica com seu gênero de nascimento (P9).

É aquela pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico e por isso submete-se a abordagens terapêuticas e cirúrgicas para a mudança no sexo (P4).

O que já ouvi falar é que é quando a pessoa troca de sexo cirurgicamente (P6).

Sei apenas o que a mídia expõe. São pessoas que nascem em um corpo que não se identificam quanto a sexualidade, órgão genital (P10).

Quatro estudantes manifestaram dúvidas sobre transexualidade. De forma geral, eles indicaram o desejo de fornecer informações aos usuários e prestar cuidados ligados à sexualidade e à saúde reprodutiva.

Gostaria de saber mais sobre o assunto, não tenho muitos conhecimentos. Toda informação é bem-vinda (P10).

Eu tenho muitas dúvidas. É difícil até especificar quais, o que eu posso fazer para prestar um atendimento de qualidade em que a pessoa sinta se confortável para procurar o serviço (P13).

Tenho dúvidas sobre como dar informações sobre sexualidade e saúde reprodutiva (P15).

Tenho dúvidas sobre como cuidar da saúde sexual (P6).

Dez estudantes nunca atenderam uma pessoa trans. Quatorze deles afirmaram se sentir confortáveis para fornecer atendimento a este público. Os acadêmicos que tiveram contato com esses usuários, mencionaram que apresentam demandas comuns e que o atendimento transcorreu de forma tranquila.

Já atendi pessoas transexuais. Para mim, esse atendimento ocorreu de forma bem tranquila. Porém percebe-se que as pessoas ao redor, tanto usuários do serviço quanto trabalhadores, dispensam olhares de estranheza, para não dizer reprovação (P9).

Na verdade não sei se ela era transgênero, mas atendi uma pessoa do gênero masculino que se vestia como mulher. O atendimento foi normal como qualquer outra pessoa (P14).

Tentei ser o mais natural possível para que a pessoa estivesse confortável (P13).

Foi tranquilo, mas tem muito que aprender (P10).

Eles também detalham algumas ações específicas para a população transexual. Entre elas, o tratamento hormonal e cirúrgico, cuidados ligados aos hábitos de vida, alimentação, questões físicas, emocionais e/ou psicológicas. Também foi citada a falta de preparo dos profissionais de saúde para o atendimento às pessoas trans, a importância de respeitar o nome social e ter um cuidado especial com a saúde mental dessa população.

Um cuidado com a população trans é com o tratamento hormonal e cirúrgico. Também devemos atentar para cuidados em geral como hábitos de vida, alimentação e principalmente emocional (P4).

Todos os cuidados relacionados à saúde física e psicológica, pois é uma pessoa como qualquer outra (P6).

Acredito que muitas pessoas deixam de procurar o serviço porque muitos profissionais não estão preparados para o atendimento. Devemos ter cuidado com o nome social da pessoa. Ela deve ser chamada pelo nome que escolheu, acho isso o mínimo, fora tentar esclarecer dúvidas de como funciona o atendimento, os serviços oferecidos pelo SUS, é um combo (P13).

Conheço pessoas transexuais, não creio que tenham diferenças, mas percebo que por medo do preconceito e julgamento das pessoas, acabam negligenciando o cuidado com a sua saúde, penso também que muitos seriam os benefícios de atendimentos de saúde mental, para que pudessem trabalhar seus medos e enfrentar os desafios de uma sociedade muito preconceituosa (P9).

Os participantes demonstram interesse em aprender formas de aprimorar o cuidado de enfermagem no que diz respeito à população transexual. Eles também manifestam percepções livres de julgamento e preconceito sobre esse público.

Discussão

As interpretações sobre gênero e sexualidade podem estar relacionadas com as experiências vividas na infância e adolescência. Na escola, por exemplo, essa temática, muitas vezes, é pouco abordada, gerando uma visão limitada aos indivíduos (SILVA et al, 2019). A mesma realidade é percebida no contexto domiciliar, no qual esses assuntos são considerados temas tabus entre pais e filhos (SAVEGNAGO; ARPINI, 2013), o que também foi evidenciado nos depoimentos dos participantes do estudo. Nem todos relataram se sentir confortáveis para abordar as questões de gênero e sexualidade com os familiares.

A partir dessa perspectiva, percebe-se que a discussão sobre as questões de gênero e sexualidade restringem-se aos círculos de amigos, constituídos principalmente na adolescência. Diante do compartilhamento de interesses, preferências, esperanças e medos, os jovens reconhecem relações, por meio das quais obtêm suporte e conseguem partilhar vivências e opiniões, podendo dialogar com liberdade e sem discriminação (DIAS, 2007; PINTO, 2009). No estudo em tela, os participantes sinalizaram que se sentem confortáveis para falar sobre o assunto com os amigos, pois entre eles, o diálogo é impessoal e livre de julgamentos.

Contudo, percebe-se que, na ausência desses relacionamentos, os indivíduos permanecem com dúvidas, as quais podem impactar negativamente na sua visão de mundo e em suas próprias vivências. Essas incertezas podem permanecer ao longo da sua trajetória de vida, mesmo para aqueles que ingressam em ambiente universitário, conforme apontam alguns participantes do estudo, que sinalizaram dúvidas sobre as questões de gênero e sexualidade.

No cenário universitário na área de saúde, mais especificamente na Enfermagem, é perceptível que as questões de gênero e sexualidade são tratadas com caráter de eventualidade, aparecendo em componentes complementares do curso ou no ensino de técnicas isoladas (SEHNEM et al, 2013). Esse achado coaduna-se com os resultados da presente pesquisa, na qual os participantes consideram que, na formação acadêmica, as questões de gênero e sexualidade são abordadas pontualmente, dificultando o aprofundamento teórico e crítico sobre as temáticas.

Não obstante, observa-se que os serviços de saúde também mantêm barreiras associadas ao debate da temática, o que dificulta a troca de conhecimentos (SILVA et al, 2019). Muitas vezes, a abordagem de gênero e sexualidade restringe-se ao modelo tradicional, assistencialista e normativo, deixando os acadêmicos e profissionais da saúde sem uma abordagem crítica sobre o assunto (SAVEGNAGO; ARPINI, 2013) (COSTA; COELHO,

2011). Nesse sentido, compreende-se que a sexualidade precisa ser abordada como um fenômeno inerente ao ser humano, tanto do sujeito cuidado quanto do estudante que está cuidando, livrando-se de preconceitos e tabus para a produção do cuidado de enfermagem de forma integral (SEHNEM et al, 2013).

Frente à dificuldade em abordar abertamente sobre gênero e sexualidade em diferentes situações do cotidiano e da vida profissional, as diferentes terminologias e nomenclaturas ligadas ao tema podem gerar dúvidas. Nesse sentido, alguns acadêmicos sinalizaram conhecimento sobre o termo transexualidade. Outros manifestaram o desejo de maior aprofundamento sobre a saúde sexual e reprodutiva para fornecer informações aos usuários e prestar cuidados congruentes com as suas necessidades.

Estudo descritivo realizado com estudantes da enfermagem e medicina buscou entender as representações destes sobre a transexualidade. Os resultados demonstraram que eles compreendiam a necessidade dos transexuais em mudar de sexo. Contudo, não reconheciam a dimensão da problemática em torno das variações e diversidade da sexualidade humana (MATÃO et al, 2010).

Esses achados sinalizam as fragilidades na formação de enfermeiros sobre as questões de sexualidade, principalmente no que se refere à comunidade transexual. Sob essa ótica, vale pontuar que estudo desenvolvido com enfermeiros em uma Unidade Básica de Saúde, em Santa Maria/RS, evidenciou que os profissionais desconheciam o processo transexualizador e a Política Nacional de Saúde Integral LGBT (GONCALVES; LUSTOSA, 2019).

Considera-se que, a partir do reconhecimento da universalidade dos direitos sexuais e reprodutivos, será possível qualificar as propostas de políticas públicas que contemplem as especificidades dos vários segmentos da população, incluindo a comunidade transexual. Nesse contexto, o enfermeiro desempenha importante papel por sua proximidade com a população e desenvolvimento de ações de promoção e educação em saúde (ANGONESE; LAGO, 2017).

Ainda cabe ressaltar que população transexual apresenta vulnerabilidade expressiva, a qual é decorrente de vários fatores, tais como, quebras de vínculo familiar, altas taxas de desemprego, uso de drogas ilícitas e álcool, ausência de acolhimento nos serviços de saúde. Situações estas que distanciam essas pessoas do cuidado e da assistência à saúde. Para mudar esse cenário, é preciso promover o acesso aos serviços de saúde e oferecer ações que garantam a resolutividade de suas demandas específicas, o que, por sua vez, demanda aprofundamento teórico-prático do enfermeiro para que esteja melhor instrumentalizado para o atendimento dessa população (SOUSA et al, 2011; SILVA et al, 2018; DUARTE et al, 2020).

A Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bixessuais, Travestis e Transexuais identifica que, mesmo que a entrada da população LGBTQIA+ nos serviços de saúde tenha começado por meio da epidemia de HIV/Aids, na década de 1980, existem outros problemas de saúde que merecem atenção especial e que atingem diretamente essa população. Esses cuidados vão além do processo transexualizador, no caso das pessoas transexuais. Também envolvem questões emocionais, físicas e sociais. Portanto, é fundamental discutir sobre a saúde das pessoas trans, correlacionando seus problemas de saúde às suas condições de vida e determinantes sociais, que influenciam no seu processo saúde-doença (OLIVEIRA, 2021; BRASIL. 2013). As pessoas trans precisam que suas necessidades sejam atendidas, o que inclui o respeito ao nome social escolhido, mas também outras demandas específicas, que envolvem suas vivências pessoais (SILVA et al, 2018).

Considerações finais

O estudo possibilitou analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade. Percebe-se que os participantes

apresentam conhecimentos construídos a partir das trocas de saberes e relações estabelecidas, principalmente, com amigos. Nos contextos familiar, universitário e de saúde, as questões relativas à saúde sexual e reprodutiva ainda são assuntos velados, considerados tabus e com pouca abertura para o debate.

Ainda observa-se que os estudantes reconhecem as necessidades da população transexual e a necessidade de maior aprofundamento teórico para fornecer um cuidado digno e respeitoso com esse grupo. Eles se mostraram interessados em aprender mais sobre o tema e propuseram sugestões, como a inclusão de um componente curricular obrigatório na grade curricular, o qual permitiria a abordagem crítica e reflexiva dessas questões.

A partir disso, é válido mencionar que os dados foram coletados durante a Pandemia de COVID-19, o que pode representar uma limitação para o estudo, pois impediu o contato direto com os participantes. Pondera-se que o desenvolvimento da coleta de dados de forma presencial poderia permitir que os participantes abordassem as temáticas propostas de forma mais aprofundada. Contudo, considera-se que os achados podem contribuir para a construção do conhecimento, como também para a ampliação do olhar dos estudantes de enfermagem para as questões de gênero e sexualidade, propiciando maior sensibilidade e reflexão sobre a necessidade de ações de saúde envolvendo, principalmente as pessoas transexuais. A partir desse panorama sobre os conhecimentos e as vivências dos estudantes de enfermagem, reconhece-se a necessidade de formulação de estratégias de ensino e aprendizagem no ambiente universitário, bem como em ações de saúde nos serviços, envolvendo as questões de gênero e sexualidade, a fim de ampliar o debate em diferentes segmentos, permitindo o respeito aos direitos sexuais e reprodutivos.

Referências

- ANGONESE, M; LAGO, M. C. S. Direitos e saúde reprodutiva para a população de travestis e transexuais: abjeção e esterilidade simbólica. **Saúde e Sociedade**, v.26, n.1, p.256-270, 2017.
- SEHNEM, G. D, et al. A sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro. **Esc. Anna Nery**, v.17, n.1, p.90-96, 2013.
- SAVEGNAGO, S. D. O; ARPINI, D, M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cadernos de Pesquisa**, v.43 n.150 p.924-947, 2013.
- COSTA, L. H. R; COELHO, E. C. A. Enfermagem e sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 19, n.3, p.1-10, 2011.
- DUARTE, D. D, et al. A perspectiva do enfermeiro no cuidado diante da pessoa trans. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 4, p.1-22, 2020.
- MATÃO, M. E. L, et al. Representações sociais da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de enfermagem e medicina. **Rev. baiana saúde pública**, v.34, n.1, p.101-118, 2010.
- DIAS, S.; MATOS, M. G. A. G. Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. **Análise Psicológica**, v.4 n.XXV, p.625-634, 2007.
- PINTO, M. da C. Intimidade em adolescentes de diferentes grupos etários. Alto-comissariado para a imigração e diálogo intercultural (ACIDI,I.P.). [Em linha]. Teses; 25. (Out. 2009). [Consult. 14 Mai. 2011]. Disponível:<https://www.animar-dl.pt/site/assets/files/5577/tese_25.pdf>
- SILVA, T. R. F, et al. Representações dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade: entre estereótipos e tabus. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.2, n.17, 2019.
- GONÇALVES, J. R; LUSTOSA, G. R. Análise do conhecimento de enfermeiros relacionado à assistência à população LGBT. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. II, n.5, p.226-239, 2019.

SILVA, A. M, et al. O olhar da enfermagem na assistência a pessoa trans(T3). **Enfermagem Revista**, v.21, n.3, p.85-105, 2018.

SOUSA, P. J, et al. Humanização no acolhimento de lésbicas, gays, bixessuais, travestis e transexuais na atenção básica: reflexões bioéticas para enfermagem. **Rev enferm UFPE on line**, v.5, n.4, p.1064-1071, 2011.

OLIVEIRA, L. P. **Questões de saúde e gênero: cuidados em saúde e nutrição com a população trans**. 2021. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso)- Curso de Nutrição, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PETRY, A. R; MEYER, D. E. E. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa**. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193 - 198, 2011.

REIS, T. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

BEZERRA, M. V. R. et al. Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. **Saúde Debate| Rio de Janeiro**, v. 43, N. especial 8, P. 305-323, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

RONCON, P. C. et al. ACESSO À SAÚDE PELA POPULAÇÃO TRANS NO BRASIL: NAS ENTRELINHAS DA REVISÃO INTEGRATIVA. **Trab. Educ. Saúde**, v.18, n.1, 2020.

ROSA, D. F. et al. Assistência de Enfermagem à população trans: gêneros na perspectiva da prática profissional. **Rev Bras Enferm** [Internet]. v.72, n. 1, p.311-9, 2019. SANTOS, J. S;

SILVA, R. N; FERREIRA, M. A. Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem. **Escola Anna Nery**, v.23, n.4, 2019.